

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional
Pós-Graduação em Política e Planejamento Urbano

Ruínas do Presente

Aluno: Angelo Antônio da M. Duarte

Orientador: Robert Moses Pechman

“A cidade é o lugar do olhar”

Massimo Canevacci

Ruínas do presente pretende abordar como as representações de requalificação do espaço urbano dizem respeito às novas imagens e discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro, nos períodos que compreendem os preparativos para a Rio 2016. Durante o período das grandes manifestações ocorridas em diversos pontos do país, aqui no Rio de Janeiro, acompanhava esta história com minha câmera fotográfica. Paralelo a isso, buscava fotografar as obras e as transformações que a cidade vinha recebendo. Decidi percorrer o trajeto da avenida Perimetral, para tomar fotos antes de sua implosão. Com o tempo e, aos poucos, fazia visitas ao local, hoje chamado “Porto Maravilha”. Quando a região portuária começou a tomar forma e ganhar seus novos equipamentos e traçado urbanístico, comecei a fotografar o que estava sendo oferecido no local. Com a grave crise financeira no Rio de Janeiro, era fácil compreender que a revitalização da região portuária deixaria margens para interpretações críticas e contundentes, porque a tendência dos administradores, quase que globalmente, é atender às demandas do capital, que precisa cada vez mais mudar seus investimentos e usar os espaços urbanos para em curto prazo ter retornos.

Em seu artigo, publicado na Revista Eco Pós, volume 21, número 3, Ricardo Freitas lembra que “os gestores das metrópoles tentam resgatar espaços públicos, outrora desgastados, para divulgá-los como lugares atraentes e portadores de atributos próprios. Um exemplo claro dessa estratégia é a transformação do antigo Porto do Rio de Janeiro em Porto Maravilha”.

Neste trabalho de final de curso, não vou analisar minhas fotografias, mas penso que as mesmas devem ser vistas e lidas como um complemento pra ajudar a compreender que cenários estão neste pano de fundo. Não espere ver aqui fotografias de ruínas ou escombros das obras. Mas as fotografias que vou exibir

buscam mostrar uma paisagem erguida com prédios espelhados e modernos. Os mesmos continuam praticamente desocupados, como um hotel alto, com marcas de mobiliário da prefeitura em sua volta, nas proximidades da rodoviária. A palavra ruína é, em geral empregada como forma de definir edificações velhas e abandonadas, sem uso e depreciadas pelo tempo. Massimo Canevacci escreveu em *A Cidade Polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana*, que o destino de toda obra arquitetônica é o de acabar em ruínas. (CANEVACCI,p.203, 1993). Neste trabalho quero apontar que as imagens de ruínas podem significar também, o que acabou de ser erguido. “A fotografia feita pra contar é aquela que visa especificamente a integrar o discurso de apresentação das conclusões da pesquisa, somando-se às demais do corpus fotográfico e funcionando sobretudo na descrição e interpretação dos fenômenos estudados”. (GURAN, 2002,p.106)

O quê espelham os novos empreendimentos imobiliários do “Porto Maravilha”? O quê espelha o quê? O morro da Providência, do lado oposto da Baía da Guanabara? Visto da Baía esconde-se o quê? Vende-se um porto para prédios modernos e espelhados, que vão esconder os excluídos do processo, que embora, na sua totalidade não puderam ser deslocados de sua antiga ocupação. Deslocar o olhar e a análise para este tipo de paisagem monumental e excludente.

A idéia deste trabalho foi amadurecida durante as aulas do professor Robert Pechman, no curso de Pós-Graduação em Política e Planejamento Urbano, do IPPUR/UFRJ. Suas aulas buscavam na literatura e nas expressões artísticas representações de vivências e sociabilidade nas cidades. A identificação das leituras propostas em seu curso foram imediatas. Por isso, pedi que fosse meu orientador.

Para a compreensão do entendimento das novas formas de administrar as cidades, recorri a textos recentes sobre o tema, com mais ênfase naqueles que tratavam dos atuais eventos e transformações no espaço urbano, visando mais a região portuária.

Em seu artigo *Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro*, Carlos Vainer argumenta que por trás da realização dos Jogos Olímpicos de 2016 está uma trajetória ao longo da qual uma nova concepção de cidade e de planejamento urbano se impôs entre nós.

Vainer nos lembra que, desde a gestão de César Maia, 1993, uma nova coalizão de poder foi sendo consolidada, possibilitando, entre outras coisas, com maior intensidade, as parcerias públicas-privadas. Assim como também, preparar o Rio de Janeiro para os grandes eventos. A cidade do Rio tentou sediar os Jogos Olímpicos de 2004, com consultoria espanhola, de Barcelona e suas experiências. Vale lembrar que o Rio sediou os jogos Pan-Americanos, em 2007. A construção do Estádio Olímpico João Havelange, uma das principais obras para os jogos Pan-Americanos de 2007 consumiu R\$ 1,9 bilhões de reais, como custeio parcial do governo federal. Em agosto de 2007, o Botafogo de Futebol e Regatas venceu uma licitação pública para administrar o estádio. Conhecido e apelidado por *Engenhão*, por sua localização no bairro do Engenho de Dentro, o estádio sofreu uma interdição em 2013, a Prefeitura do Rio anunciou que o estádio precisaria passar por um reforço estrutural imediato por conta do risco de queda da cobertura em caso de ventos acima de 63 km/h. O local teve reforço de estrutura calculado em R\$ 200 milhões após interdição – custo estimado da reforma que inseriu mais 1.500 toneladas de aço no estádio. Ficou sem uso por quase dois anos. Em 2017, o estádio foi rebatizado com o nome de Nilton Santos.

A mesma consultoria catalã volta em 2010 para ensinar a Cidade Maravilhosa a ser uma Barcelona, nas palavras de Vainer. Além de atores locais, um conjunto de agentes e estratégias territoriais interescares comparecem para erigir a imagem da “cidade-modelo”, numa rede que, ao ser descoberta, evidencia um complexo mercado no qual as imagens são construídas e postas em circulação em variadas escalas (local, nacional e internacional). (Sanchez, 2001, Rio de Janeiro)

O que está em jogo nas administrações atuais é a comercialização do espaço urbano. Para o geógrafo britânico David Alan Harvey, os eventos são “máquinas de fazer lucro” e “formas incorpóreas de investimento do capital”, ressaltando-os como uma das marcas da condição pós-moderna. Ao invés de se investir na produção de bens duráveis como se fazia na modernidade, hoje é mais rentável apostar em espetáculos de rápido retorno: O colapso dos horizontes temporais e a preocupação com a instantaneidade surgiram em parte da decorrência da ênfase contemporânea no campo da produção cultural de eventos, espetáculos, happenings e imagens de mídia. (HARVEY, 2011[1989], p61).

Rio 2016, ruínas do presente?

Quando faltava menos de 50 dias para cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, com a chegada de delegações na Cidade, o governador em exercício, Francisco Dornelles publica no Diário Oficial, Estado de Calamidade Pública, falência financeira no Rio de Janeiro, 17/06/2016. Entre as razões citadas para a decisão estão a queda na arrecadação com o ICMS e os *royalties* do petróleo, a dificuldade do Estado em honrar suas dívidas relacionadas aos Jogos Olímpicos e problemas na prestação de serviços essenciais, como segurança pública, saúde, educação e mobilidade.

Parecendo uma ironia, os atores políticos que abraçam a estratégia de “vender” a Cidade do Rio de Janeiro para realização de megaeventos, chegam na mídia e descobrem que não há dinheiro para quitar compromissos e custo das obras. O prefeito Eduardo Paes, eleito por duas vezes, nos períodos de 2010/2014-2014/2016 postou, na época, em suas redes sociais que: “o estado de calamidade pública em nada atrasa as entregas olímpicas e os compromissos da prefeitura do Rio”. A delegação da Austrália, um dia antes da abertura dos jogos, que trocou Vila Olímpica por hotéis, emitindo um comunicado à imprensa reclamando que nos prédios há cheiro de gás, vazamento de água e defeitos na eletricidade.

A crise no Rio de Janeiro foi mesmo sentida pelos servidores públicos estaduais, que até o presente momento estão com seus salários atrasados (2015-2018). Durante a realização dos jogos, entre os dias 5 e 21 de agosto de 2016, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro sofreu e, ainda sofre, com o colapso financeiro.

A crise ética e política acarretou diversas denúncias aos ministérios públicos, nas esferas estaduais e nacionais. O período dos megaeventos, também foi marcado, é preciso lembrar, por manifestações no Rio de Janeiro contra o que Carlos Vainer chamou de “Cidade de Exceção”, os protestos foram reprimidos violentamente por política de repressão dos governadores e prefeitos, manifestações estas que pediam “Padrão FIFA” nos hospitais e escolas públicas. **Padrão FIFA** foi um bordão usado também nos cartazes vistos durante os protestos contra a realização dos eventos Copa das Confederações, 2013 e Copa do Mundo, 2014.

O quê podemos encontrar nos bastidores da crise política-econômica, ética e moral no Rio de Janeiro?

A operação Lava-Jato condenou o ex-governador Sérgio Cabral, que responde por mais de 20 processos, e diversos secretários estaduais à prisão. O todo poderoso aliado presidente da Assembléia Legislativa, Jorge Picciani, no final de 2017, encontra-se também preso com mais dois colegas parlamentares, na prisão de Benfica, recém reformada na gestão do governador Fernando Pezão, do mesmo partido político de seus companheiros presos.

As eleições municipais de 2016 derrotaram as pretensões do governo, Luiz Fernando Pezão, 2014-2018, e do prefeito olímpico Eduardo Paes. O seu candidato e ex-secretário, deputado federal Pedro Paulo, não chegou ao segundo turno das eleições para Prefeitura do Rio, disputada pelos candidatos Marcelo Crivella, senador e Marcelo Freixo, deputado estadual. O pleito foi vencido pelo senador e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus.

O ex-prefeito Eduardo Paes, com dois mandatos consecutivos, parece ter saído de cena, após a realização da Rio 2016 e da prisão de seu amigo, o ex-governador Sérgio Cabral, em novembro do mesmo ano.

Se o Rio de Janeiro é considerado um importante local para megaeventos, a desconfiança não é discurso simplista de quem se opõe aos Jogos, no caso a dupla Copa-Jogos. O que é possível ver são arenas desmontadas, caras em sua manutenção e total descuido, o que aconteceu com o incêndio do teto do velódromo. Diversas arenas construídas no complexo de Deodoro, subúrbio do Rio, estão sem uso. Outro exemplo é o Estádio Mario Filho, Maracanã, que sediou alguns jogos da Copa, onde a seleção brasileira não chegou a pisar. A abertura da Rio 2016, a final da disputa da medalha olímpica de futebol, vencida pela equipe do Brasil diante de jovens jogadores alemães, assim como as cerimônias de abertura e encerramento do megaevento foram realizadas lá. Mas após isso, estádio parece um dinossauro, usado para outros fins, shows de rock, por exemplo, o palco do futebol, nem os grandes clubes cariocas conseguem pagar as contas em competições disputadas. O governo estadual saiu de cena e terceriza sua administração. O complexo do Maracanã tinha um estádio de atletismo, Célio de Barros, onde só se vê a arquibancada de concreto a pista deu lugar a um estacionamento. O Parque Aquático Júlio Delamare está abandonado, um convite para proliferação de mosquitos. Cadê o legado?

Meios de Comunicação

A mídia, em suas relações com governos e coalizões dominantes, é um ator importante no cenário cultural e político da cidade. Exercendo fascínio na sociedade civil e política, com força de pressão ao elaborar imagens que são absorvidas nas representações de indivíduos e grupos. Com poder para, em uma mão qualificar tudo que pode abraçar os megaeventos e, por outro lado, desqualificá-los.

Semanas antes da realização da Rio 2016, era possível ver no “Porto Maravilha”, diversos veículos nacionais e internacionais com suas lentes apontadas para os novos equipamentos urbanos e culturais do local. Os meios de comunicação com seus interesses comerciais também produzem signos de bem-estar e satisfação no consumo nos espaços de lazer, uma celebração do local, transformando-os num espetáculo.

Imaginários sobre uma cidade propagados e colocados entre o espaço público e o espaço da mídia.

Acompanhado de minha câmera fotográfica, circulei nas ruas do chamado “Porto Maravilha”, buscando entender as intervenções na paisagem da região portuária, da Cidade do Rio de Janeiro. Nas obras da Prefeitura e, também, do Estado, foi possível encontrar vários discursos como, por exemplo, “implantação de projetos de grande impacto cultural” (PREFEITURA DO RIO 2014). A construção dos dois museus; Museu de Arte (MAR) e o Museu do Amanhã (projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava) são frutos da parceria do Estado com a Fundação Roberto Marinho e ilustram a tendência de parcerias público-privadas defendidas por recentes administradores cariocas, em suas políticas administrativas.

A região portuária, antes “coberta” pela Avenida Perimetral, não tinha debaixo de seus pilares devida valorização espacial. Estigmatizada como um local perigoso, onde durante a noite só quem trabalhava no porto conhecia os perigos e prazeres locais.

Para Fernanda Sanchez, desde a década de 90, as cidades passaram a ser “vendidas” de modo semelhante, ao que sugere que o espaço das cidades se realiza agora enquanto mercadoria. Um fenômeno recente, que mostra a importância cada vez maior do espaço no capitalismo. A fase atual do capitalismo só se realiza produzindo um novo espaço, pressionado pelas novas exigências de acumulação, mediante suas lógicas e estratégias à escala mundial. (SANCHEZ, 2001, RIO DE JANEIRO)

A derrubada da Perimetral, a construção do túnel subterrâneo Marcelo Alencar e a revitalização da região portuária, possibilitou uma nova negociação do espaço e o surgimento de prédios espelhados, nos transportes, os veículos leves sobre trilhos, entre outros empreendimentos que se estendem até a área da Rodoviária Novo Rio. Nos meios de comunicação privados e públicos a propagação de uma vasta agenda de modificações tais como, a construção de avenidas de transporte, o programa Morar Carioca, para remodelar as favelas cariocas, ações de segurança pública com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) como movimentos de ações preparativas dos megaeventos. Não parecem ser as Ruínas do Presente?

A ruína de uma paisagem, de uma cidade de pé a pretexto de uma melhoria urbana, para acabar com a degradação, “*A cidade do pensamento único*”, como diria Carlos Vainer, que nos lembra que nossas elites não primam exatamente pela responsabilidade. Vainer testemunha a implantação do Planejamento Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, uma “bem orquestrada farsa”, com o objetivo de legitimar “projetos caros aos grupos dominantes da cidade”, a saber, tudo aquilo que permitiria a produção da “máquina de crescimento” carioca, competitiva e vendável à dinâmica do capital internacional. Manobras para colocar de lado as reivindicações populares, dando espaço aos interesses dos empreendedores e a um agressivo marketing para criar falsos consensos. Através da análise exaustiva das argumentações teóricas dos consultores barcelonenses, a mise-en-place de um arsenal político-ideológico-empresarial destinado a impor universalmente, à maneira do pensamento único e com a indefectível cooperação das elites do Terceiro-Mundo, a matriz do Planejamento Estratégico segundo a qual a sobrevivência das cidades está em sua transformação em mercadoria.

Ao notarmos os novos equipamentos ou mobiliários urbanos na região agora chamada de “Porto Maravilha”, tais como os dois museus, o VLT, os armazens usados para eventos e o ÁguaRio, lemos também, como lembra Fernanda Sanchez, que “o poder das representações está em sua presença material, literalmente solidificada na arquitetura e no urbanismo”.

O Jornal do Brasil, do dia 27 de Fevereiro de 2018, estampa na primeira página o seguinte título: Porto Quase Maravilha. Descompasso entre setor privado e governo põe em risco futuro do projeto. A foto abaixo do título, do fotógrafo Marcos Tristão,

mostra um carro incendiado abandonado, diante do VLT estacionado. Ao lado direito um “esqueleto de concreto” do que seriam sete prédios para abrigar 1300 atletas, com obras paradas desde 2014. Na página 10, da editoria Cidade, matéria de página inteira conta este descompasso entre o setor público e o privado. Uma mostra do chamo de Ruínas do Presente.

Fotografias

Editar estas fotografias, reunir seus temas e o seu conjunto de informações, podem naturalmente servir para um ensaio pessoal e documental deste determinado período. As fotografias, neste caso, têm o propósito de servir e ressignificar o que pretendo estudar dentro de um conjunto de assuntos relevantes nas questões atuais levantadas, em análises acadêmicas sobre as transformações na cidade que sediou megaeventos nos anos de 2013, 2014 e 2016, nos últimos seis anos.

Ruínas do Presente não aborda prédios velhos, ruas ou escombros, mas sim o que está erguido e, também, na política, os atores do Estado, alguns presos e outros escondidos em redes sociais ou envergonhados. O novo porto, os novos prédios espelhados, um projeto de hotel, perto da rodoviária, erguido e abandonado. Prédios no esqueleto, com obras totalmente paradas, com o único projeto residencial do Porto Maravilha, perto da Rodoviária, destinado aos servidores públicos.

Nas fotografias, olhar crítico que questiona o simbolismo das intervenções no espaço urbano, que possa buscar uma análise da Cidade do Rio de Janeiro, que há muito entrou na lógica de competir turistas e investimentos, vendendo suas imagens urbanas como mercadorias, adotando emblemas como, por exemplo, o “Rio Cidade Olímpica”. “O espaço toma forma também através de representações e imagens adequadas, o que explica a importância que vem adquirindo o **city marketing** como instrumento das políticas urbanas”. (SANCHEZ, 2001)

Região portuária do Rio de Janeiro substituída por “Porto Maravilha”, da cidade maravilhosa. Exemplos da nova racionalidade do capitalismo, que potencializa a economia e reorganiza o território.

O andarilho mais atento no “Porto Maravilha” não pode deixar de questionar, diante de tantos investimentos e propagandas, fruto das associações de governos e mídia local, desenvolvidas por políticas de promoção e legitimação de certos projetos de cidade. “Sua imagem publicitária são chamadas “cidades modelos” e seus pontos de

irradiação coincidem com as instâncias de produção de discursos: governos locais em associação com as mídias; instituições supranacionais como a Comunidade Européia e agências multilaterais”. (SANCHEZ, 2001)

Ressaca do Carnaval 2018.

Após o Carnaval 2018, com imagens de suas ruas tomadas por foliões e blocos A desordem também teve seu lugar, conflitos seriam inevitáveis, diante de tanta desigualdade. O atual prefeito Marcelo Crivella, bispo de uma igreja evangélica, não gosta de Carnaval, parece tropeçar nos próprios passos. O desmoralizado governo estadual não foi na avenida. Em Piraí, município do Sul Fluminense, terra natal do governador Pezão, ele disse para a imprensa que falhou no plano de segurança. A Cidade assistiu seu atual prefeito gastar mais de 130 mil reais com passagens aéreas numa viagem até a Europa. Na Alemanha, Marcelo Crivella disse que estaria conhecendo novas tecnologias para ajudar na segurança da Cidade. Nos trópicos, com as águas de Março, uma forte chuva atingiu toda a região metropolitana, com diversos bairros prejudicados, deixando 2 mil pessoas desalojadas, além do registro de 4 vítimas fatais.

O Rio de Janeiro em ruínas parece continuar, neste fim do Verão. Uma intervenção das forças de segurança, promovida pelo Governo Federal, que perde suas forças no Congresso Nacional, aposta na crise do Rio. Faz uma intervenção, dando carta branca para o general do exército Braga Netto comandar as polícias, no Rio de Janeiro.

A violência não freia, na noite de 14 março, a vereadora do PSOL, Marielle Franco é executada no bairro do Estácio, pertinho da sede da Prefeitura do Rio. No carro onde estava a vereadora, as balas de calibre 9mm tiraram, também, a vida do motorista Andreson Gomes. Uma assessora de Marielle, que estava no carro, não foi atingida, testemunha do crime. Marielle Franco, 39 anos, era de esquerda e defensora dos direitos humanos.

Fotografias

Ruínas do Presente



1. Próximo a rodoviária Novo Rio, este prédio abrigaria dois hotéis da rede Holliday Inn
Foto: Angelo A Duarte



2. Esqueleto do único projeto residencial do Porto Maravilha abrigaria sete prédios de 35 andares e seria oferecido, com prioridade, aos servidores públicos municipais
Foto: Angelo A Duarte



3. O VLT diante do “esqueleto” de concreto, obra da prefeitura, nas proximidades da rodoviária.



4. Vidros espelhados do Aqwa Corporate, entre as Av. Rodrigues Alves e a via local Av. Oscar Niemeyer. Foto: Angelo A Duarte



5. Av. Rodrigues Alves. O contraste entre o velho e o novo. Foto: Angelo A Duarte



6. Orla Conde, o desativado Moinho Fluminense. Foto: Angelo A Duarte



7. O AquaRio, espaço de lazer caro e que entra em desuso no países de primeiro mundo. Foto: Angelo A Duarte



8. Galpão abandonado na Av. Venezuela. Ao fundo novo empreendimento, espelhado. Foto: Angelo A Duarte



9. Orla Conde. Foto: Angelo A Duarte



10. L'Oreal, nova sede. Rua Barão de Tefê com Av. Venezuela. 20.000m².



11. Armazem, na rua General Luiz Mendes de Moraes. Foto: Angelo A Duarte



12. Rua Sacadura Cabral. Foto: Angelo A Duarte

Bibliografia

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 2002.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas**. Brasiliense, 2017.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Studio Nobel, 1993.

FREITAS, Ricardo Ferreira. das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos.

FREITAS, Ricardo Ferreira Da cidade espetáculo para a cidade-mercadoria A comunicação urbana e a construção da marca Rio. Revista do programa de pós-graduação em Comunicação da UFRJ

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HARVEY, David. **Producao Capitalista Do Espaco, a**. Annablume, 2005.

HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. 2014.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Boitempo Editorial, 2017.

PECHMAN, Robert M. **Olhares sobre a cidade**. Editora UFRJ, 1994.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de sociologia e política**, n. 16, 2001.

VAINER, Carlos. Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. 2011.